



Do rio Tocantins a UHE do Lajeado: a memória da população ribeirinha de Brejinho de Nazaré.

Desde el río Tocantins a la instalación de la UHE Lajeado: La memoria de la población de Brejinho de Nazaré.

Elisvan de Carvalho Barbosa¹

Universidade Federal do Tocantins (UFT)

elisvancb@hotmail.com

Solange de FátimaLolis²

Universidade Federal do Tocantins (UFT)

slolis@uft.edu.br

Carolina Machado Rocha Busch Pereira³

Universidade Federal do Tocantins (UFT)

carolinamachado@uft.edu.br

RESUMO: O município de Brejinho de Nazaré situado à margem esquerda do rio Tocantins e à direita do córrego Brejinho que deu origem a seu nome, está situado aproximadamente 100 km da cidade de Palmas, capital do estado do Tocantins. Norteadas pelo objetivo de apresentar o resgate da memória dos moradores de Brejinho de Nazaré e sua relação com o Rio Tocantins, a pesquisa buscou identificar as transformações ocorridas e vivenciadas pela comunidade após a criação do lago e instalação da UHE do Lajeado. A pesquisa foi baseada nos métodos da pesquisa qualitativa e da história oral, que a partir das atividades de campo e entrevistas com os moradores, ajudaram a compor o cenário da memória dos moradores de Brejinho de Nazaré e sua relação com o Rio Tocantins. A construção da UHE do Lajeado causou um impacto que ainda hoje é sentido pela população de Brejinho de Nazaré e entorno, e, esta memória não deve ser negligenciada. Acreditamos que o estudo contribuiu para a preservação das histórias e memórias da população. E essa preservação tem importância significativa se considerarmos que as novas e futuras gerações devem conhecer o seu passado para planejar melhor o seu futuro.

¹ Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Tocantins – Campus de Porto Nacional

² Professora do Curso de Ciências Biológicas e do Programa de Pós-graduação em Biodiversidade, Ecologia e Conservação na Universidade Federal do Tocantins, Campus de Porto Nacional.

³ Professora do Curso de Geografia e do Programa de Pós-graduação em Geografia na Universidade Federal do Tocantins, campus Porto Nacional.

Palavras-chaves: Usina Hidrelétrica; História Oral; Impacto Social; Impacto Ambiental.

RESUMEN: La ciudad de Brejinho de Nazaré situado en la orilla izquierda del río Tocantins y derecha de Brejinho arroyo que dio origen a su nombre, se encuentra a unos 100 km de la ciudad capital del estado de Palmas, Tocantins. Guiada por el objetivo de presentar el rescate de la memoria de los vecinos de Brejinho de Nazare y su relación con el Río Tocantins, el estudio trató de identificar los cambios que han ocurrido y experimentados por la comunidad después de la creación del lago y la instalación de la UHE Lajeado. La investigación se basa en los métodos de investigación cualitativa y la historia oral, que a partir de las actividades de campo y entrevistas con los residentes, ayudó a establecer la memoria de escenas de los vecinos de Brejinho de Nazare y su relación con el río Tocantins. La construcción de la UHE Lajeado hizo un impacto que todavía se siente por la población de la municipalid y sus alrededores, y esta memoria no debe ser negligenciada. Acreditamos el estudio contribuye a la conservación de las historias y los recuerdos de la población. Y esta preservación tiene una importancia significativa si tenemos en cuenta que las nuevas y futuras generaciones deben conocer su pasado para planificar mejor su futuro.

Palabras clave: Central hidroeléctrica; Historia Oral; Impacto social; Impacto ambiental.

INTRODUÇÃO

O Tocantins já comporta instaladas as Usinas Hidrelétricas (UHE), de Tucuruí, Cana Brava, Serra da Mesa, São Salvador, Luis Eduardo Magalhães, Enerpeixe e de Estreito. A Usina Hidrelétrica Luiz Eduardo Magalhães está localizada no rio Tocantins, no Estado do Tocantins, na divisa dos municípios de Miracema do Tocantins e Lajeado, a 50 km de Palmas, capital do estado, no maciço rochoso que aflora do rio do Tocantins, nas coordenadas geográficas 9° 45' 26'' de latitude sul e 48° 22' 17'' de longitude oeste, a 1.030 km de sua foz, que fica no estado do Pará. O reservatório da UHE de Lajeado atinge áreas dos municípios de Miracema do Tocantins, Lajeado, Palmas, Porto Nacional, Brejinho de Nazaré e Ipueiras. Todos esses municípios pertencem à Região Central do estado do Tocantins, e suas obras atingiram os municípios de Lajeado e Miracema do Tocantins (NERES, 2008).

Brejinho de Nazaré faz parte dos municípios impactados pela construção da UHE Lajeado, e está localizado a 92 km da capital Palmas, situado à margem esquerda do rio Tocantins e à direita do córrego Brejinho que deu origem a seu nome. Possui uma população de 5.185 habitantes em uma área de 1.724,450 km² (IBGE, 2010).

De acordo com o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e o Relatório do Impacto Ambiental (RIMA) da UHE de Lajeado, foram atingidas 529 famílias em áreas urbanas, e, 997 famílias em propriedades rurais, totalizando 1.526 famílias atingidas diretamente. Em Brejinho de Nazaré foram impactadas 104 famílias. Esses números diferem dos números do

Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), que afirma ter sido 4.969 famílias atingidas diretamente pela construção da UHE de Lajeado para um total de 10 (dez) mil hectares que foram distribuídos para reassentamentos nos municípios de Porto Nacional, Monte do Carmo, Ipueiras e Brejinho de Nazaré.

O impacto sócio-territorial na região de Brejinho de Nazaré com a construção do reservatório da UHE de Lajeado causou, e, continua causando inúmeras mudanças que afetam não somente a identidade das comunidades atingidas, mas principalmente à relação da população com o rio Tocantins: seja por questões econômicas que aparecem em primeiro plano, seja também, pelas relações sociais e culturais que sofreram inúmeras transformações.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o resgate da memória dos moradores de Brejinho de Nazaré e sua relação com o Rio Tocantins, buscando identificar as transformações ocorridas e vivenciadas pela comunidade com a criação do lago, após a instalação da UHE do Lajeado.

A pesquisa foi baseada nos métodos da pesquisa qualitativa e da história oral, que a partir das atividades de campo e entrevistas com os moradores, ajudaram a compor o cenário da memória dos moradores de Brejinho de Nazaré e sua relação com o Rio Tocantins.

A metodologia de investigação que possibilita gerar uma ciência em cuja articulação dos argumentos se põe o indivíduo no meio as roda, ou no centro do processo. O procedimento diz respeito á padrões culturais, estruturas sociais, nexos políticos, relações sócias, e processos históricos, visando aprofundar o conhecimento sobre essas esferas por meio de conversas com pessoas sobre a sua experiência e ainda o impacto que estas tiveram na vida de cada uma a partir da memória individual (SATO e CARVALHO, 2005, p.144).

A pesquisa de campo foi realizada no município de Brejinho de Nazaré, no período de junho e julho de 2013. A primeira abordagem foi realizada no mês junho, momento de planejamento e tomada de decisões sobre o objeto de estudo e delimitação da área. No mês de julho foram realizadas visitas e entrevistas. O critério utilizado para a escolha da população entrevistada foi identificar as pessoas que residiam na cidade há mais de 10 anos. Considerando que a cidade possui uma população bastante pequena a pesquisa foi realizada com um total de cinco entrevistados (que representa 0,10% da população total) que foram as pessoas que concordaram em participar do projeto e conceder entrevista. Todas as entrevistas foram gravadas e realizadas de acordo com a disponibilidade dos entrevistados e com a assinatura de carta de cessão de direitos autorais.

Um roteiro com perguntas foi construído com o sentido de orientar a entrevista. Todavia as entrevistas foram realizadas de acordo com o tempo e disposição de cada pessoa e, por buscarmos o resgate da memória através da história oral, o importante durante a entrevista era permitir ao entrevistado espaço para contar sua história.

1. AS USINAS HIDRELÉTRICAS E O MODELO BRASILEIRO DE DESENVOLVIMENTO

As Exposições Universais realizadas na Europa durante o século XIX tinham como objetivo mostrar um retrato em miniatura do mundo moderno avançado, composto de espetáculos nos campos de ciência, das artes, da arquitetura, dos costumes e da tecnologia (OLIVEIRA, 2010). As exposições tornaram-se frequentes após a Revolução Industrial, mas foi no século XIX que elas ganharam mais espaços e foram popularizadas.

Muller (1995) cita a participação de Dom Pedro II na exposição de Filadélfia em 1876 e as novidades tecnológicas que foram trazidas para o Brasil. Em 1879 foi inaugurada a primeira iluminação elétrica no Rio de Janeiro. Devido às condições hídricas favoráveis no Brasil, determinou-se um direcionamento do investimento público ao setor hidrelétrico. Durante o governo de Getúlio Vargas (de 1930 a 1945) implantou-se uma política de investimento estatal no setor hidrelétrico. Em 1954 foi proposta a criação das Centrais Elétricas Brasileiras (Eletrobrás). Porém, a Eletrobrás foi oficializada em 1962 no governo do presidente João Goulart. Na década de 1960 a produção de energia elétrica teve sua maior expansão no Brasil. A expansão da produção de energia elétrica pelo interior do Brasil aconteceu a partir dos anos de 1960, e teve como propulsor a política econômica do então presidente Juscelino Kubitschek (1956-1961) que tinha o lema “*Energia e Transporte*”. (ELETROBRÁS, 2013).

Na década de 1970 na fronteira entre o Brasil e o Paraguai teve início a construção da usina hidrelétrica binacional de Itaipu, localizada no rio Paraná, foi construída pelos dois países no período de 1975 a 1982 e ainda hoje é considerada a maior usina geradora de energia do mundo.

No início da década de 1980 dois projetos foram desenvolvidos: a usina hidrelétrica de Tucuruí, no baixo Tocantins e a usina hidrelétrica de Serra da Mesa, no alto Tocantins que

sofreu um grande atraso em função da mudança do perfil político brasileiro na década de 1980, vindo a ser concluída no início dos anos de 1990.

De todas as fontes energéticas hoje exploradas, a hidroeletricidade se destaca por ser “*extraída*” da água: um recurso renovável, não poluente, sem resíduos que permite sua reutilização a jusante, para o mesmo fim.

A energia, nas suas mais diversas formas, é indispensável à sobrevivência da espécie humana. E mais do que sobreviver, o homem procurou sempre evoluir, descobrindo fontes e formas alternativas de adaptação ao ambiente em que vive e de atendimento às suas necessidades.

2. AS UHE E OS IMPACTOS AMBIENTAIS E SOCIAIS

Segundo a ANNEL (2002) o aproveitamento de potenciais hidráulicos para geração de energia elétrica no Brasil, exigiu a formação de grandes reservatórios e, conseqüentemente, a inundação de grandes áreas. Na maioria dos casos, tratava-se de áreas produtivas e de grande diversidade biológica, exigindo a realocação de grandes contingentes de pessoas e animais silvestres.

Os impactos mais comuns são físico, químico, biológico, social e cultural.

Os impactos físicos mais comuns são: o alargamento do rio e a diminuição da correnteza que altera a dinâmica do ambiente. Os sedimentos aumentam devido à diminuição do fluxo favorecendo a deposição no ambiente lótico, a temperatura varia também devido ao represamento o que permite condições anóxicas favorecendo a eutrofização, e a ocorrência de reações químicas que geram componentes nocivos ao uso humano (SOUSA 2000; GOLDEMBERG, 2008).

Entre os impactos biológicos para espécies aquáticas a construção da barragem representa uma barreira física que dificulta a piracema e causa um isolamento de populações, antes em contato. Além desses impactos, temos a perda da vegetação, o desaparecimento de terras agrícolas, fauna terrestre, e, a proliferação de insetos (SOUSA, 2000; ROCHA, 2006).

ROCHA (2006) comenta ainda sobre os impactos socioculturais: a expulsão das populações locais com indenizações inadequadas, os impactos em áreas indígenas e seus recursos naturais e saberes ancestrais, a imigração de pessoas em busca de trabalho pressionando serviços

públicos, e o aumento do alcoolismo e prostituição, aumento de doenças, distribuição desigual dos benefícios da eletricidade além de muitos outros ROCHA (2006).

3. HISTÓRIA ORAL: O RESGATE DAS VIVÊNCIAS RIBEIRINHAS

O território brasileiro apresenta uma grande diversidade sociocultural, e reconhece os indígenas, como um dos povos mais importantes, dentro dessa diversidade. Mas a povos também tradicionalistas, como os remanescentes das comunidades quilombolas, babaçueiros, jangadeiros, pantaneiros, pescadores artesanais e profissionais, ribeirinhos entre outros, não podem ser esquecidos. Cada população apresenta formas diferentes de se relacionar com seus respectivos ambientes (LITTLE, 2002). Compreender o significado de território e de territorialidade, para os povos tradicionais é importante e segundo Zitzke (2007, p. 17) “*ótica mais subjetiva, simbólica, como um local no qual o indivíduo estabelece certo vínculo afetivo, constrói a sua história e concretiza suas relações e fatos socioambientais*”.

Com a construção de UHE, as comunidades dedicadas à extração de recursos pesqueiros, os ribeirinhos e os pescadores, encontram obstáculos para o conhecimento formal de suas áreas de ocupação e uso, que em muitos casos, não são apenas “terras” que estão em questão, mas seções de um rio, de um lago ou do mar, gerando assim “terras aquáticas ou marinhas” que não contam com uma legislação adequada que reconheça as particularidades dessa apropriação (LITTLE, 2002).

Contudo esses empreendimentos de impactos gigantescos necessitam de um planejamento que vise o desenvolvimento sustentável, e os impactos ambientais causados por tal modificação são ainda pouco estudados, tornando-se de extrema importância o desenvolvimento de estudos bem estruturados acerca das transformações que sucedem sua construção (NERES, 2008).

Neres (2008) comenta que é preciso crescer sim, mas de maneira planejada e sustentável, com vistas a assegurar a compatibilização do desenvolvimento econômico-social com proteção não focado apenas na qualidade ambiental, mas também nos verdadeiros “perdedores” que foram, sem dúvida, os segmentos da população local, ribeirinhos e pequenos produtores rurais.

Dessas populações algumas foram submetidas a deslocamentos, reassentamentos e indenizações mal dimensionadas que implicaram em perdas materiais e culturais. Vale

registrar que esse processo não foi homogêneo. Ainda ocorre a existência de setores até hoje insatisfeitos com as políticas de indenização e ressarcimento no Brasil (BRASIL, 2000).

Os moradores ribeirinhos de Brejinho de Nazaré criaram relações de pertencimento com a terra que beiram a fronteira do amor ao lugar, um gostar mais que familiar, criando relações de afetividade pelo lugar, principalmente por proporcionar formas diferentes de subsistências. As plantações eram abundantes, os peixes tinham seu próprio lugar, onde hoje segundo os ribeirinhos não se encontram mais peixes. A imensidão de água expandiu novos horizontes até mesmo para os animais, não existe mais uma identidade própria nem mesmo para os menores seres.

A relação com a rio é uma característica forte na cultura das populações ribeirinhas, e essa característica é um dos aspectos que delinea a identidade dos moradores de Brejinho de Nazaré. O Rio Tocantins é a identidade cultural dos pescadores e ribeirinhos, esses povos lutam para que seus hábitos culturais não parem na mansidão de um lago.

Buscando compreender e dar voz a esta população, fomos em busca dos moradores e seus relatos de vida sobre a relação dos mesmos com a cidade, com o Rio e com o passado. As entrevistas foram significativas e recheadas de memórias de um tempo em que o Rio possuía características muito diferentes das que possui hoje.

Quando perguntamos sobre o Rio Tocantins os entrevistados relembram o passado e apresentam a memória de um tempo alegre. Vejamos:

A água era mais viva... Quando era corrente, era viva! Hoje ele é parado, é morto. Porque eu falo morto? Água viva, corrente, você bate aqui vai sair bem acolá, na frente. Hoje você bate e fica, porque não tem mais correnteza, a água está parada. (Evaristo Ferreira da Silva)

O rio Tocantins, de antigamente era um rio de água corredeira porque hoje não existe mais água corredeira, hoje ele é um rio represado. Eu lembro que antigamente eu ia pescar, eu descia nele de cabeça a baixo era correnteza, hoje você vai e a água é parada, devagarinho... Tem vezes que você pensa que vai para o meio você está indo é para a beira, e é mesmo, a água está tocando, é, para a beira. Não corre, tá parada. - Foi perguntado se a mudança de rio para lago foi boa na vida dele? Para mim elas são boas, pertenceu para o lado das águas tudo são bom. Porque mais antes água do que secura. (Manoel dos Santos Sales Dias)

A contensão da barragem modifica o ambiente e acarreta mudanças no regime hídrico. Como consequência, um ambiente lótico passa a ser lântico (águas lentas), exigindo maior esforço dos pescadores, principalmente para os que possuem canoas de madeira e precisam utilizar remos, pois precisam deslocar para distâncias maiores onde se capturam maiores quantidades de peixe.

A relação da população com o rio é forte e vai além das formas de plantações, pesca e extrativismo, está ligado ao reconhecimento de seu lar. A modificação do rio, o desaparecimento das praias e ilhas, da fauna, da flora interfere no cotidiano desses atingidos e na sua maneira de ver o que o cerca.

Uma hidrelétrica gera, além do impacto ambiental, social, um grande impacto na cultura de um povo, nas suas crenças, no seu jeito de cultivar a terra, de se relacionar com a família, de comercializar suas produções, e de se alimentar (SENE, 2009).

A cidade assim como o rio tem sua importância para os moradores e ribeirinhos, assim como outros povos que são atingidos por UHE ou outros empreendimentos, cada população tem um lugar, uma tradição, modos de vida e hábitos, que diferem de população e de lugar.

Menestrino e Parente (2011) observam que as vivências e experiências têm seus devidos valores, presentes na memória, onde o indivíduo transmite para a próxima geração, conhecimentos de como lidar com os recursos naturais de forma integrada e sustentável.

Sobre as lembranças do Rio, um dos entrevistados comentou:

(...) eu tenho muitas lembranças do rio, a gente saía para pescar, dormia na areia do rio, ficava dois três dias, pescando. (...) Naquela época, que não era lago, era gostoso demais ficar na beira do rio, não tinha impedimento. A gente ia de canoa, quem tinha a “canoinha” de madeira. Tinha muita pedra no meio do rio, quando era inverno a água cobria as pedras, e quando vinha o verão as pedras ficavam de fora, tinha muita correnteza nessas pedras que surgia. A gente passava da canoa para pescar em cima das pedras, para pegar caranha, pegar piaui, só que isso não tem mais acabou. (Elizete Ramalho)

Sabemos que a identidade individual e coletiva de um povo se forma no e pelo espaço. No caso dos ribeirinhos suas identidades possuem forte referência com o rio. E com a construção da UHE e o surgimento do lago, ao que parece com as entrevistas é que esta

população acredita que o “fim” do rio, suas identidades foram usurpadas em função do capital, aquele que atualmente se sobressai a qualquer forma de poder.

O MAB avaliou que de cada 10 famílias 7 ou mais não são indenizadas integralmente, e o restante, quando ocorre, é mal indenizada. Essas pessoas que hoje moravam e utilizam o rio para sustento hoje são obrigados a terem outra relação com o rio Tocantins e isto se deve a especificidade do lago, que na cheia enche e na época da seca diminui a água, assim os moradores ficam em algumas áreas com terras inundadas mesmo sendo férteis e não conseguem produzir como antes (ROCHA, 2010).

(...)fiz isso demais, tanto que estou com um problema com a Investco sobre esse negócio, por que eu não recebi (indenização). Plantava de verão, plantava no mês de Abril, maio, até outubro. Outubro as águas começavam a subir, eu ia para as roças de toco, quando voltava o verão, eu tornava ir para beira do rio. Eu plantava melancia, tomate, jiló, maxixe e abobora (...) era uma renda que tinha para sustentar a família toda (...) tudo a gente tem que comprar, não podemos plantar nada. Tudo é de fora, não aceitaram mais plantar nas vazantes e nem indenizaram os vazanteiros, só alguns.(Elias Alves Vilanova)

Menestrino e Parente (2011) apontam que a agricultura de vazante na maioria das vezes é uma prática exercida por ribeirinhos, que não utilizam técnicas agrícolas como fertilizantes químicos, que regulam os ciclos de vida da biota local, consequentemente regulam as oportunidades de subsistência disponíveis para as populações humanas. Assim como o demais componentes da biota das áreas inundáveis, as populações humanas locais precisam adotar estratégias de adaptação em relação às mudanças drásticas ocorridas na passagem entre as fases aquáticas e terrestres. Estas estratégias implicam na coordenação das atividades produtivas tais como a criação de gado, o cultivo de plantas anuais e perenes, a caça e a pesca, às modificações sazonais da paisagem e biota locais (FRAXE; PEREIRA; WITKOSKI, 2007).

Os ribeirinhos controlam a atividade agrícola de acordo com o regime hídrico da bacia Tocantins-Araguaia, baseando seu calendário no ciclo das vazantes e enchentes, representando um estreito vínculo do morador ribeirinho com o tempo da natureza. A partir do momento em que a experiência é considerada como origem de um tipo de conhecimento, a visão do indivíduo que viveu a experiência e que a relata, transforma-se na base da explicação, (ZITZKE, 2007).

Olha pra falar a verdade, o peixe que mais 'pega' no rio hoje é o Piau, porque muita espécie de peixe desapareceu. Opacu, a gente pegava demais, quando era rio, depois que passou a ser lago, parou. Porque Pacu não é peixe de rio fundo, o pacu é peixe de água rasa. Esse peixe diminui muito, pra pegar tem que ir aonde o rio não é lago. Hoje quase não se encontra o surubim, caranha, piabanha, pintado. Tinha algumas espécies de peixe que tinha aqui e foram para água rasa. (Elizete Ramalho)

A pesca desempenha papel importante nos meios de subsistência de milhões de pessoas em todo mundo e destaca-se no fornecimento de excelente fonte alimentar para populações locais, sendo uma atividade importante para os ribeirinhos, já que envolvem componentes ambientais, sócias e culturais e de bases históricas e geográficas. Em diferentes regiões brasileiras a pesca vem sendo afetada diretamente pelo impacto causado pelos empreendimentos hidroelétricos. (FREITAS, I. et al, 2010)

Com a finalidade de contemplar a visão dos entrevistados quanto as possíveis mudanças ocorridas na fauna devida às modificação do ambiente lótico para lântico, foi feito o questionamento a respeito das espécies que eram capturas no rio antes do reservatório e as espécies que ainda são capturas após o reservatório. Todos os entrevistados ressaltam ter percebido que após a formação do reservatório que a espécie que não é mais encontrada é o Pacu (*Myleinaeus spp*). Já uma espécie que os entrevistados afirmam estar endêmica é o Piau (*Leporinus spp*), essa espécie é a mais fácil de se encontrar em qualquer ambiente seja lótico ou lântico. E as espécies que dificilmente se encontra são: surubim (*Pseudoplatystoma fasciatum*), caranha (*Piaractus mesopotâmicos*), piabanha (*Brycongoulding*), pintado (*Pseudoplatystoma coruscans*).

Os reservatórios modificam profundamente os ambientes aquáticos onde são inseridos e a partir de sua formação, ocorrem profundas mudanças na estrutura e no funcionamento do ecossistema. As espécies em alguns casos podem passar por isolamento, havendo reduções drásticas de populações, podendo ocorrer favorecimento de espécies de peixes mais adaptadas nesse novo ambiente (ARAÚJO *et al.* 2011).

A ocorrência de impactos negativos sobre a ictiofauna causados pelos barramentos gera impactos negativos importantes sobre as espécies aquáticas. Os efeitos sobre as comunidades ícticas são pouco conhecidos, ou pelo menos não disponíveis na literaturacientífica. O que reforça a necessidade de pesquisa nesta área.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise das falas dos ribeirinhos de Brejinho de Nazaré, percebemos que apesar de todos os problemas relacionados com o impacto do reservatório na vida de cada um, eles demonstram determinação para prosseguir, embora tenham boas lembranças do rio Tocantins quanto à disponibilidade que tinham do rio e que dada as alterações não se manteve.

A aplicação do questionário com os entrevistados foi um momento surpreendente, pois possibilitou o reconhecimento dos reais significados implícitos de cada um a respeito de sua visão sobre o reservatório e sobre o Rio Tocantins.

Os depoimentos coletados nas entrevistas com a população de Brejinho de Nazaré apresentam não somente o resgate da memória, mas, sobretudo elementos da relação da população com o Rio Tocantins, antes e depois da construção da UHE do Lajeado.

Apesar de apresentar, em alguns momentos, percepções e pontos de vista divergentes em algumas entrevistas os moradores em geral indicam com o resgate da memória e das relações com o Rio, importantes alterações nas formas de vida e nos meios de sobrevivência das populações locais.

A construção da UHE do Lajeado causou um impacto que ainda hoje é sentido pela população de Brejinho de Nazaré e esta memória não pode ser apagada ou renegada. Preservar a memória, registrar as histórias e ações que tem importância significativa se considerarmos que as novas e futuras gerações devem conhecer o seu passado para planejar melhor o seu futuro.

As histórias recheadas de tradições, saberes e hábitos formam o patrimônio imaterial de um povo, e, as entrevistas que realizamos, durante a pesquisa de campo, hoje compõe parte deste patrimônio e deverão ser preservadas para que os futuros moradores de Brejinho de Nazaré possam conhecer a importância que o Rio Tocantins tinha e tem para a população. As relações que aqueles moradores tinham com a fauna e com a flora e as transformações que ocorreram não somente na paisagem, mas também nas relações da população com o lugar.

Ao lembrar os peixes que havia no rio e que desapareceram, a população acabou por registrar com a memória de vida o que a ciência já identificou, e, as transformações acabaram assumindo outra importância.

Desta forma concluímos o trabalho com a certeza de que necessitamos de muitas outras pesquisas que ainda se debrucem sobre o impacto social, cultural e ambiental gerado pelas usinas hidrelétricas. Estudos comprometidos em debater que a inundação de grandes quantidades de terra não é justificada pela construção de tantas UHEs. E mesmo que a necessidade das UHEs seja proeminente, sempre será necessário planejar e executar as ações de forma mais responsáveis, pois as relações das pessoas com o lugar são muito fortes e importantes. A memória de uma população é um patrimônio que deve ser preservado e pesquisas acadêmicas podem auxiliar na preservação da história de um lugar e também de um povo.

REFERÊNCIAS

ANEEL. **Atlas de Energia Elétrica do Brasil**. Brasília: Aneel, 2002. Disponível em www.aneel.gov.br/arquivos/pdf/livro_atlas.pdf Acesso em 10 de agosto de 2013.

ARAÚJO, R. Manejo ecológico, manejos políticos: observações preliminares sobre conflitos sociais numa área do Baixo Amazonas.. In: M. A. D. Incao e I. M. da Silveira (orgs). **Amazônia e a crise da modernização**. Belém: MPEG, 1994. (p. 301-308)

ARAÚJO, V. et al. Mudanças nas práticas de pesca artesanal após a formação do reservatório de Porto Nacional . In: Naval, Liliana Pena. **Grandes barragens diferentes enfoques**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2011. Capítulo 4, 75-97.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA: IBGE **Cidade**. 2010. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/viewer.htm> Acesso em 14 de agosto de 2007.

BRASIL. **RELATÓRIO FINAL DO ESTUDO DE CASO DA COMISSÃO MUNDIAL DE BARRAGENS USINA HIDRELÉTRICA DE TUCURUÍ**. 2000. Disponível em http://www.lima.coppe.ufrj.br/files/projetos/ema/tucurui_rel_final.pdf Acesso em 13 de julho de 2013.

EIA/RIMA DA UHE DE LAJEADO disponível em http://www.investco.com.br/empresa/documentos_oficiais/eia_rima/pdf/rima_rel_impacto_so_bre_meio_ambiente.pdf Acesso em 22 de Agosto de 2013.

ELETOBRÁS. CENTRAIS ELÉTRICAS BRASILEIRAS. Disponível em <http://www.eletobras.com/elb/data/Pages/LUMISB33DBED6ITEMIDPTBRIE.htm> Acesso em 20 de agosto de 2013.

FERREIRA, Luzia Amélia (2003). **A geração de energia elétrica e os impactos sócio - ambientais causados às populações rurais: a construção da Usina Hidrelétrica Luis Eduardo Magalhães**. Palmas – TO. (Trabalho de Conclusão do curso de Pós-graduação apresentado à Universidade Federal do Tocantins, “lato sensu” Planejamento e Gestão Ambiental, campus de Palmas)

FRAXE, T; PEREIRA, H; WITKOSKI, A. **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. Manaus: EDUA, 2007.

FREITAS, I. et al. A pesca e o peixe sob o olhar dos pescadores portugueses. In: Naval, Líliliana Pena; Parente, Temes Henrique. **Processos sociais, econômicos e ambientais de adaptação: O caso do Reservatório de Lajeado**. Goiânia: Cãnone editorial, 2010. Capítulo 3, 43-58.

GOLDEMBERG, J; LUCON, O. **Energia, meio ambiente e desenvolvimento**. 3 ed. São Paulo: EdUSP, 2008.

LITTLE, P. E. **Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Brasília. 2002. Disponível em <http://www.unb.br/ics/dan/Serie322> Acesso em 9 de agosto de 2013.

MENESTRINO, E. H. G. **Povos tradicionais: do lugar ao não-lugar**. Palmas:UFT, 2010. Disponível em www.download.uft.edu.br/?d=aa143c8b-0b58-4bc8-a761...1.doc Acesso em 12 de Agosto de 2013.

MENESTRINO, E.; Parente, T. G. O. Estudo das territorialidades dos povos tradicionais impactados pelos Empreendimentos Hidrelétricos no Tocantins. **Revista Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanity research medium**. Uberlândia, v. 2, n. 1, p. 1-19, jan./jun. 20.

MÜLLER, A. C. **Hidrelétricas, Meio ambiente e desenvolvimento**. São Paulo: Makron Books, 1995.

NERES, J. C. I. **Avaliação ambiental da ocupação espacial do Vale do Rio Tocantins por usinas hidrelétricas**. 2008. 87 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais e Saúde) - Universidade Católica de Goiás, campus de Goiânia, 2008.

OLIVEIRA, S. R. *A construção da cidade e do urbanismo: ideias têm lugar?* In: *Seminário de História da Cidade e do Urbanismo.*, 2010. Rio de Janeiro v. 11, n. 5, Disponível em: <http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/issue/view/64>

ROCHA, C. **Produzir energia e destruir a vida**. Disponível em http://www.faor.org.br/CD/download/6_produzir_energia.pdf Acesso em 19 de agosto de 2013.

SATO, M; CARVALHO. I. C. M. **Educação Ambiental**. Porto Alegre: Artmed 2005.

SENE, Aline. **UHE de Lajeado: um estudo do cotidiano do reassentamento de Luzimangues**. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt> Acesso em 15 de julho de 2013.

SOUSA, W. L. **Impacto ambiental de hidrelétricas: uma análise comparativa de duas abordagens**. 2000. Tese (doutorado em engenharia) Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

ZITZKE, V. A. **Deslocamento involuntário e novos territórios no Tocantins: o caso da UHE Lajeado**. IN ENCONTRO CIENCIAS SOCIAIS E BARRAGENS, 1 Anais-Rio de Janeiro, 2005.